

BILLY WILDER: UM CÍNICO INDIGNADO

Luiz Carlos Bresser Pereira

10.9.1993

Billy Wilder não produziu uma única obra-prima, como geralmente se pensa - *Crepúsculo dos Deuses* - mas pelo menos três. Além daquela tragédia impiedosa sobre Hollywood, dirigiu a mais genial farsa da história do cinema - *Quanto mais Quente Melhor* - e uma grande denúncia da hipocrisia humana sob o disfarce de uma simples comédia de costumes: *Se Meu Apartamento Falasse*. Os anos 50 foram os anos de glória para Wilder. *Sunset Boulevard* é de 1950; *Some Like it Hot*, de 1959; *The Apartment*, de 1960. E nesta década ele ainda dirige filmes extraordinários como, *A Montanha dos Sete Abutres*, *O Pecado Mora ao Lado* e *Sabrina*.

Os anos 50 foram também anos de ouro para um outro grande diretor americano de origem europeia, William Wyler (1902 -), apenas quatro anos mais velho do que Billy Wilder (1906 -). E para mim, particularmente, foram anos marcantes porque foi nessa década que eu me tornei adulto, que estudei cinema no Museu de Arte de São Paulo, que me tornei jornalista e crítico de cinema. E lembro-me, então, aos 18 anos, logo após a exibição de *A Montanha dos Sete Abutres* (1952), do debate que mantive com um amigo mais velho, Paulo Cotrim. Ele defendendo Wilder, eu Wyler, embora sem negar o valor de Wilder.

Meu argumento era moral mais do que estético. Eu via em Billy Wilder um cinismo, uma profunda descrença na humanidade, que meus sentimentos religiosos, então muito vivos, repeliam. Enquanto Wyler foi talvez o maior romântico da história do cinema - e por isso talvez não tenha merecido o devido reconhecimento neste século tão desconfiado senão crítico dos sentimentos e das emoções -, Wilder jamais se rendeu ao romantismo. Em um belo filme, que se torna melhor cada vez que o vejo, *Irma, La Douce*, ele chega perto. Reconcilia-se com a humanidade. O mesmo acontece em seu filme mais vienense, *Amor na Tarde*, onde o discípulo rebelde de Lubitsch se rende ao mestre. Mas são momentos isolados, concessões talvez. Para Truffaut, que incluiu *The Seven Years Itch* entre "os filmes de sua vida", em homenagem ao diretor mas também à maravilhosa Marilyn Monroe, Wilder é "uma raposa libidinosa"; para Alain Masson, no *Dictionnaire du Cinema Larousse*, Wilder caracteriza-se pela "virtuosidade cínica e uma visão satírica" do mundo;

ele próprio, em uma longa entrevista, quando o jornalista, Michel Ciment (em *Hollywood, Brasileiro*, 1988) lhe disse que em alguns de seus últimos filmes, como *Sherlok Holmes e Avanti!*, havia momentos de romantismo e ternura, reagiu: "Não diga isso. Me dá medo. Quero que me conheçam como um cínico, como uma língua viperina".

Minha tese, no debate com Paulo Cotrim, entretanto, não pretendia ser moral, mas estética. Eu afirmava que todo grande artista tem, necessariamente, que acreditar na humanidade. Ele pode criticá-la acerbamente, pode ser duro e pessimista, mas não pode perder a esperança no homem. Nossos semelhantes são muitas vezes maus, brutais mesmo, mas, como *Glória Feita de Sangue*, de Stanley Kubrick, mostrou de forma tão extraordinária em sua seqüência final, têm sempre a possibilidade de reerguer-se e viver momentos de grandeza. Por isso eu afirmava que o artista maior não pode ser realmente cínico, ou seja, não pode desprezar e ignorar os valores morais que regem a sociedade.

Continuo pensar dessa forma. Mas hoje estou convencido que estava sendo injusto com Billy Wilder por uma razão muito simples: porque ele não é o cínico que pretende ser. Wilder enganou a muitos, como, por exemplo, Andrew Sarris, que afirmou que "Billy Wilder é cínico demais para acreditar no seu próprio cinismo" (*The American Cinema*, Editora da Universidade de Chicago). Na verdade ele é um moralista indignado, como tantos de seus filmes deixaram muito claro. Lembro-me, especialmente, de *A Montanha dos Sete Abutres*, onde o jornalista interpretado por Kirk Douglas, aproveita-se de um acidente e o prolonga para fazer sensacionalismo na imprensa, ou de *The Apartment*, onde sua indignação pela situação vivida por Shirley MacLaine e Jack Lemmon se mistura à comisseração. O sarcasmo e a ironia, que marcam os filmes de Wilder, são a forma através da qual ele expressa essa perspectiva essencialmente moral. Em alguns filmes, como em *Cupido não tem Bandeira* ou *Beija-me, Idiota*, Wilder não soube se conter e acabou sendo o que não é mas o que pretende ser. Mas, como quase todos que se auto-declararam "cínicos", o cínico Wilder dos seus melhores filmes é um falso cínico.

Em *Quanto Mais Quente Melhor* existe uma cena antológica que encerra o filme. O milionário Harry Joe Brown faz mais uma vez sua proposta de casamento a Jack Lemmon, fantasiado de mulher, enquanto os dois estão fugindo em uma lancha. Lemmon, impaciente e não precisando mais disfarçar-se, arranca a peruca e grita: "Mas eu sou homem!". A que Brown retruca imediatamente: "Não importa, nada é perfeito neste mundo!" De fato, nada é perfeito em nossa volta. Somos feitos de contradições e as vivemos todos os dias. Contradições muitas vezes amargas, mas que se tiverem também um lado cômico, melhor. Wilder, este judeu austríaco, sabe disto como ninguém, e transmitiu esta visão de mundo falsamente cínica, na verdade profundamente indignada, em seus maravilhosos filmes, que hoje pertencem à história do cinema.